

Biblioteca Anarquista



Anarquismo contra o Anarquismo - Menos complacência, mais autocrítica

Rafael Viana da Silva

Rafael Viana da Silva

Anarquismo contra o Anarquismo - Menos complacência, mais
autocrítica

Adquirido em 27/07/2019 de

[https://anarquismorj.wordpress.com/textos-e-documentos/
teoria-e-debate/anarquismo-contra-o-anarquismo-rafael-v-da-silva/](https://anarquismorj.wordpress.com/textos-e-documentos/teoria-e-debate/anarquismo-contra-o-anarquismo-rafael-v-da-silva/)
Sobre a necessidade de haver menos complacência e mais autocrítica no
movimento anarquista. Um texto sobre liberdade, ética e
responsabilidade coletiva.

bibliotecaanarquista.org

Conteúdo

Introdução	3
A ética e a liberdade anarquista criaram raízes no terreno da classe trabalhadora e do socialismo	6
As influências burguesas sobre o anarquismo	8
Liberdade e Ética nos parâmetros da organização coletiva	14

nos complacência. Resta saber se muitos anarquistas estarão dispostos a fazê-lo.

Referências

ARCHINOV, Piotr. Historia Del Movimiento Makhnovista. Buenos Aires, Utopia Libertaria, 2008

BAKUNIN, Mikhail. Catecismo Revolucionário: Programa da Sociedade da Revolução Internacional. São Paulo: Editora Imaginário, 2009a: 76.

BOOKCHIN, Murray. Anarquismo, Crítica e Autocrítica. Editora Hedra, 2011.

CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

CORRÊA, Felipe. O Anarquismo Especificista. 2008. Em <http://divergences.be/spip.php?article784&lang=fr>. Acessado em 03/08/11

DANTON, José Gutiérrez. Problemas e Possibilidades do Anarquismo. São Paulo, Editora Faísca, 2011.

FARJ. Anarquismo Social e Organização, Editora Faísca, 2008.

FREEMAN, Jo. A Tirania das Organizações Sem Estrutura, 1970. Disponível em <<http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/21ti...a.htm>>. Acessado em 03/08/11

GORELIK, Anatol. El Anarquismo y La Revolución Rusa. Buenos Aires, Utopia Libertaria, 2007.

JUNG, Carl. O Eu e o Inconsciente, Editora Vozes, Petrópolis, 1979.

Livro Vermelho, O: Yomango, s/d. Disponível em <<http://brasil.indymedia.org/media/2007/10//398527.pdf>>; Acessado em 03/08/11.

MALATESTA, Errico. Em <http://www.alquimidia.org/farj/index.php?mod=pagina&id=4028>. Acessado em 05/06/2011

_____. Anarquismo e Anarquia. Em <http://www.anarkismo.net/article/11714> Acessado em 06/06/2011.

MINTZ, Frank in Anarquismo Social, Editora Faísca, São Paulo, 2006.

SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien Van Der. Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism. Oakland, Ak Press, 2009.

Introdução

As palavras confiáveis não são belas,

as palavras belas não são confiáveis

(Tao Te Ching)

Um velho militante anarquista, que tivera de se exilar em Paris por conta de sua atividade política, relatara em uma entrevista, que sentira certa inadaptação com o “relaxamento” ético da geração mais nova dos anarquistas que travara contato.

Esta “inadaptação” sentida pelo velho combatente, longe de ser uma reminiscência de valores “obsoletos”, traduzia uma diferença de compreensão sobre um valor que é central na prática política anarquista. Este militante da “velha guarda”, afirmava também em seu relato, que sua adesão ao anarquismo se dera muito mais pela observação do comportamento e da coerência política de seus aderentes, do que propriamente na leitura dos chamados “clássicos”. A ética de seus companheiros, a solidariedade, o estilo militante com que estes renovavam pelo cotidiano sua adesão aos princípios libertários, convenciam mais do ponto de vista ideológico nosso antigo combatente, do que a leitura de dezenas de livros, jornais ou brochuras revolucionárias.

Tal espírito de camaradagem e de apoio mútuo, de coerência cotidiana entre os fins desejados e os meios respectivos, se inseria num contexto de profundo enraizamento do anarquismo na classe trabalhadora. Enraizamento que se traduzia no desenvolvimento de uma ética anarquista que possuía ligações estreitas com os dilemas, anseios e problemas da classe trabalhadora.

Obviamente, a ética anarquista recebera suficiente atenção dos clássicos para se referenciar como a “espinha dorsal” da prática política de seus partidários, algo imprescindível aos que propugnavam a defesa dos métodos libertários. Mas como o artigo em questão não se pretende um

panegírico de uma suposta “superioridade” ética dos anarquistas sobre as demais correntes da esquerda, o que nos levaria a estudarmos o comportamento dos anjos e dos seres sobrenaturais; não seria demasiado afirmar que a discussão da ética e da liberdade para alguns setores anarquistas, ainda se constitui como um problema muito mal discutido.

O primeiro sinal deste problema, do ponto de vista imediato, é observarmos atitudes indiferentes, ou francamente contrárias ao espírito libertário sublinhado por nosso velho militante. A falta quase que permanente de autocrítica¹ nos meios libertários indica que a questão é alvo de terríveis confusões. A liberdade é reiteradamente confundida com “fazer o que quiser”. A autonomia individual deturpada num relativismo ético preocupante e que pouco tem a ver com o comportamento e a responsabilidade coletiva que o anarquismo propugnou. A crítica a determinadas e reiteradas atitudes, são vistas como “autoritarismo”, ou “coerção” da liberdade “individual”. Ser anarquista, longe de engajar-se num projeto coletivo, passou a designar apenas, àqueles que fazem “tábula rasa” de quaisquer convenções, leis ou regras instituídas. A teorização e a defesa de um anarquismo voltado à luta popular, simplesmente a retomada de posições que sempre fizeram parte da história do anarquismo, é vista como uma “tentativa de excluir as outras tendências do anarquismo”, estabelecer “verdades”, ou simplesmente, quando há alguma iniciativa de organizar os anarquistas especificamente, um sinal infectível do **terrível** sintoma anarco-bolchevique.

Obviamente, mesmo que estes setores sejam minoritários, causam uma má impressão enorme sobre a compreensão do anarquismo. Nenhuma propaganda positiva sobre o anarquismo pode superar em grau, a inconseqüência de determinados comportamentos, a amplitude de posições extremamente contraditórias com aquilo que os anarquistas defenderam durante a história, quando sabemos, que mais importante que o que se escreve e o que se diz, é a coerência entre o que se fala e o que se faz. De qualquer modo, ao realizarmos um trabalho de crítica, nos guiamos pelo espírito de debate e discussão franca, não pelo comportamento acusatório e anônimo das redes informais. A intenção é problematizar determinadas questões, não imprimir acusações ou definir rótulos reducionistas. Não pretendi escrever um artigo acadêmico, mas um documento de reflexão e

¹ Cf. DANTON, José Gutiérrez. Problemas e Possibilidades do Anarquismo. São Paulo, Editora Faísca, 2011.

leituras destas polêmicas são feitas, impedem de enxergar o acordo⁵ feito por ambos os militantes sobre esta questão.

Quando algum individualista utiliza o anarquismo para justificar suas ações deletérias dentro ou fora dos movimentos sociais, companheiros bem intencionados, porém, imersos em organizações sem estrutura, se isentam de quaisquer intervenções para não “parecerem autoritários”. A crítica a determinadas estratégias, supostamente revolucionárias (yomango ou zonas autônomas temporárias, sendo exemplos mais caricatos) não é feita por que se parte do pressuposto de que os que as reivindicam não são anarquistas. Como dizia Malatesta, não temos direito de “*impedir ninguém de se chamar do nome que quiser, nem podemos, por outro lado, abandonar o nome que sucintamente exprime nossas ideias*”⁶. As críticas são feitas justamente por que estas estratégias não funcionam sob uma perspectiva popular, aplacam mais a consciência de seus responsáveis do que propriamente contribuem para a emancipação e a difusão dos métodos e dos valores do anarquismo nos setores populares. Possuindo por outro lado, o efeito colateral de tornar o anarquismo muito pouco atrativo para nosso povo.

Uma organização ou grupo, que **não** trabalhe com o conceito de **responsabilidade coletiva**, ou se negue a discuti-la abertamente, permanecerá refém destas práticas, que se são ruins para os anarquistas, de todas as correntes, são ainda pior para o anarquismo. No fundo, superando os que desejam operar com maniqueísmos, era isso o que Makhno discutia com Malatesta em sua famosa troca de correspondência, e que o anarquista italiano, parece ter aceitado como um fator indispensável da ação política organizada. Por isso é preciso ter mais autocrítica, e me-

⁵ O “libertário” Malatesta em total concordância com o “autoritário” Makhno nos diz: “Certamente eu apóio a visão de que qualquer um que se associa e coopera com outros por uma causa comum deve: coordenar suas ações com a de seus companheiros e não fazer nada que prejudique a ação dos outros e, portanto, a causa comum; respeitar os acordos feitos – exceto quando pretendem deixar a associação por diferenças de opinião, mudança de circunstâncias ou conflito sobre os métodos escolhidos tornam a cooperação impossível ou imprópria. [...] E agora, ao ler aquilo que dizem os companheiros do XVIII^o eu vejo-me em acordo substancial com a sua maneira de conceber a organização anárquica (muito longe do espírito autoritário que a “Plataforma” parecia revelar) e estou vendo confirmada a minha esperança de que sob diferenças de linguagens se encerra verdadeiramente uma identidade de propósitos.” MALATESTA, Errico. Em <http://www.alquimidia.org/farj/index.php?mod=pagina&id=4028>. Acessado em 05/06/2011

⁶ MALATESTA, Errico. Anarquismo e Anarquia. Em <http://www.anarkismo.net/article/11714> Acessado em 06/06/2011.

*se gosta delas e não porque dizem algo significativo*⁴. Jo Freeman ainda vai além, e conclui:

Para que todas as pessoas tenham a oportunidade de se envolver num dado grupo e participar de suas atividades, é preciso que a estrutura seja explícita e não implícita. As regras de deliberação devem ser abertas e disponíveis a todos e isso só pode acontecer se elas forem formalizadas. Isto não significa que a normalização de uma estrutura de grupo irá destruir a estrutura informal. Ela normalmente não destrói. Mas impede a estrutura informal de ter o controle predominante e torna disponível alguns meios de atacá-la. A “ausência de estrutura” é organizacionalmente impossível.

(FREEMAN, Jo. A Tirania das Organizações Sem Estrutura, 1970.)

Regras de deliberação abertas e disponíveis obviamente não esvaziam o papel das estruturas informais, inclusive do afetivo, mas tornam os acordos coletivos muito mais claros e minimizam seus efeitos. Sempre que uma atitude individualista compromete um trabalho coletivo, é comum dentro do anarquismo, culpar o próprio indivíduo por sua postura, o que parece do ponto de vista imediato uma atitude acertada do grupo em relação às posturas pessoais. Porém olhando de maneira mais atenta, percebemos que ao individualizar o problema, preservamo-nos do real culpado, que é a **falta de formalização de regras claras e bem definidas e a falta de acordos coletivos**. No caso específico dos grupos anarquistas, isto implica também definir o que determinado grupo entende enquanto anarquismo. Quais são suas estratégias? Quais são os acordos coletivos mínimos?

Isto nos leva a outra questão, que é a **responsabilidade coletiva**. Mal discutida no movimento anarquista, tal questão gerou uma polêmica quase que interminável; traduzida na discussão por cartas entre Malatesta e Makhno. Infelizmente, a **parcialidade** e o **maniqueísmo** com que as

autocrítica. Reitero também, que parte deste documento é também fruto do acúmulo socializado pelos anarquistas da “velha guarda” aos mais jovens. Não se trata de reproduzir tudo o que os mais “velhos” fizeram ou pensam, mas de não perder a experiência de anos de militância por uma iconoclastia estéril. Cabe também a nova geração, tentar não reproduzir os erros da antiga.

⁴ FREEMAN, Jo. A Tirania das Organizações Sem Estrutura, 1970. Disponível em <http://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/21ti...a.htm>. Acessado em 03/08/11

A ética e a liberdade anarquista criaram raízes no terreno da classe trabalhadora e do socialismo

O anarquismo pode ser compreendido enquanto uma ideologia, ou seja, um “conjunto de ideias, motivações, aspirações, valores, estrutura ou sistema de conceitos que possuem uma conexão direta com a ação” (FARJ, 2008: 17 [grifos nossos]). Esta ideologia deve ser contextualizada. Surge diretamente, como sabemos; dos dilemas, problemas e anseios da classe trabalhadora, e da prática política dos libertários nas entidades de classe. A história é relativamente conhecida: a anulação do grupo opositor. A ala antiautoritária da Associação Internacional dos Trabalhadores no congresso de Haia é “excluída”. O grupo próximo a Bakunin articula-se no bojo do congresso dos operários relojoeiros do Jura, em Saint-Imier. Nasce simbolicamente o anarquismo, que rapidamente se “alastra” como uma ferramenta revolucionária de transformação social, implicando não somente uma metodologia para o nascente sindicalismo, mas também, uma ética anarquista, profundamente conectada com a realidade dos trabalhadores. A **simples negação do estado** não é suficiente para definir alguém como anarquista¹. O surgimento do anarquismo atesta esta tese. O anarquismo se desenvolveu não só a partir da negação do estado, mas de princípios correlatos: igualdade econômica, ação direta, classismo, etc.

Já a liberdade, foi conceituada no movimento anarquista pela primeira vez por Mikhail Bakunin, que não fez nada mais do que sistematizar questões relevantes no interior do setor do movimento operário influenciado pelo espírito “libertário”. Ao conceito abstrato e filosófico de “liberdade

¹ Cf. SCHMIDT, Michael; WALT, Lucien Van Der. Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism. Oakland, Ak Press, 2009.

mais excêntrico aos problemas cotidianos dos trabalhadores, em detrimento de um programa político e um trabalho social de longo prazo. Para alguns setores isto se traduziu na falta de esperança na transformação social, que fora rapidamente transformada num semi-nihilismo perturbador. Estes, que com exceção da negação do estado, abandonaram a maior parte dos princípios anarquistas, mas continuaram reivindicando-se anarquistas, utilizando muito pouco do arsenal teórico que definiu a coluna vertebral do anarquismo (Malatesta, Bakunin, Kropotkin, etc) flertando muito mais com as tendências pós-modernas, muito bem descritas por Bokchin em seu título seminal, “Anarquismo: Crítica e Autocrítica”². Este desgaste provocou a deturpação do conceito de organização dos anarquistas. Organizar-se, daí para frente, tornar-se-ia sinônimo de hierarquia, “partidarização”, autoritarismo. Privilegiou-se, em parte do anarquismo contemporâneo, a fluidez das organizações “sem estrutura”.

Chegamos então ao primeiro ponto da questão. É justamente, a **falta de estrutura organizativa** clara que dá ampla margem ao que Archinov chamava dos que “*pescam nas águas revoltosas do anarquismo*”. Já está devidamente debatido, que as organizações **sem estrutura**, longe de se prevenirem contra o autoritarismo e as “lideranças”, possuem a função contrária, de reforçar os “líderes ocultos”. Líderes que vão se mover no terreno mais primário e suscetível de convencimento (geralmente inconsciente) do ser humano: o terreno afetivo³.

A ação coletiva é a partir daí esvaziada de seu conteúdo político em detrimento de relações afetivas e pessoais. Isto por que toda estrutura informal de deliberação, atua segundo Jo Freeman, militante feminista dos anos 70, como uma “irmandade”, “*na qual se escuta as pessoas porque*

² Este é o nome do título da Editora Hedra, o título original é “Anarquismo social ou anarquismo de estilo de vida”.

³ Recordo-me de um caso onde não havia contexto algum em se promover um determinado ato de rua, pela quantidade irrisória de participantes. Um “líder oculto”, mas que me pareceu extremamente visível naquele momento, jogou com dois sentimentos. O primeiro foi o de martírio e o sentimento de culpa. Deveríamos realizar o ato independente da conjuntura, já que “era preciso fazer alguma coisa”, mesmo que isto significasse alguns riscos coletivos aos seus participantes. O segundo dizia respeito a covardia em não se fazer nada. Pareceu-me visível, que naquele momento o pequeno grupo era coagido a atuar sob a liderança oculta, do “corajoso” líder e não conseguia se desvincular daquela nefasta influência, muito mais psicológica e afetiva, do que propriamente fruto de uma discussão coletiva e política. Percebendo a manipulação (in)consciente, decidi não participar do “jogo”.

Liberdade e Ética nos parâmetros da organização coletiva

Partindo do pressuposto que elementos exógenos, que possuem pouco compromisso com os princípios socialistas e libertários do anarquismo, se inserem periféricamente neste, e, portanto, corrompem o sentido da liberdade e da ética cunhada pelos anarquistas durante a história das lutas da classe trabalhadora, deveríamos nos perguntar qual é a abertura dada hoje pelos próprios anarquistas a este tipo de fenômeno? Por que há tanto terreno fértil para “*aqueles que pescam nas águas revoltosas do anarquismo*”¹ ? Recordo-me de um ato realizado numa grande cidade do sudeste do país, onde houve uma intensa organização coletiva anterior a manifestação. No desenrolar da manifestação, um sujeito atira uma pedra numa vitrine de uma loja. Escudando-se no coletivo, o indivíduo que reivindicava de forma “instintiva” o anarquismo, causou indiretamente a prisão de mais de trinta manifestantes naquele dia, tudo por um ato isolado e que não foi tirado pelo coletivo como parâmetro de ação.

Bem, partindo deste exemplo e do princípio que o anarquismo em todo o seu desenvolvimento, seja teórico, seja prático, de modo hegemônico conservou seu princípio socialista libertário, e que o individualismo é um fenômeno marginal ao anarquismo, há algumas questões importantes a se pontuar.

Um dos primeiros passos que podemos dar é realizar um diagnóstico histórico, que se pretende muito preliminar. De fato, o anarquismo sofreu um desgaste ideológico causado pela perda de seu vetor social (sindicatos). Ao ser deslocado como um agente de peso das lutas sociais, parte do anarquismo reforçou exclusivamente seu caráter identitário, cada vez

¹ ARCHINOV, Piotr. *Historia Del Movimiento Makhnovista*. Buenos Aires, Utopia Libertaria, 2008.

absoluta”, Bakunin desenvolveu uma ideia de liberdade essencialmente coletiva². O homem; alertava, só pode ser livre quando “todos os homens forem livres”, o que é impossível na sociedade capitalista. A liberdade segundo os anarquistas implica o reconhecimento das instituições políticas, econômicas e sociais que limitam a liberdade humana e dominam a classe trabalhadora. Reconhecê-las também significa traçar estratégias **coletivas** para superarem-nas: estratégias que tenham como objetivo finalista o “socialismo libertário”. O termo socialista libertário não é, portanto, um mero adorno identitário, mas diz respeito ao objetivo finalista dos anarquistas, que percorreu toda a história do movimento.

Estas estratégias envolvem necessariamente o conjunto dos oprimidos; o povo. O anarquismo; alertava Kropotkin, só pode florescer no meio do povo. Mas nem sempre, o anarquismo fora (ou é) compreendido desta forma.

² “Ser coletivamente livre é viver no meio de homens livres e ser livre pela liberdade deles. O homem, já dissemos, não poderia tornar-se um ser inteligente, dotado de uma vontade refletida, e, por consequência, não poderia conquistar sua liberdade individual fora e sem o concurso de toda a sociedade. A liberdade de cada um é, portanto, o produto da solidariedade comum. Mas essa solidariedade, uma vez reconhecida como base e condição de toda liberdade individual, evidencia que, se um homem está no meio dos escravos, ainda que fosse seu amo, seria necessariamente o escravo de sua escravidão, e só poderia tornar-se real e completamente livre por sua liberdade. Portanto, a liberdade de todo o mundo é necessária à liberdade; daí resulta que não é absolutamente verdadeiro dizer que a liberdade de todos seja o limite de minha liberdade, o que equivaleria a uma completa negação desta última. Ela é, ao contrário a sua confirmação necessária e sua extensão ao infinito.” BAKUNIN, Mikhail. *Catecismo Revolucionário: Programa da Sociedade da Revolução Internacional*. São Paulo: Editora Imaginário, 2009a: 76.

As influências burguesas sobre o anarquismo

Luigi Fabbri, em um opúsculo relativamente conhecido na literatura anarquista [*Influências Burguesas sobre o Anarquismo*], publicado depois do final da Primeira Guerra Mundial, retratou com grande precisão, os danos que determinados estereótipos construídos pelos jornais burgueses e pela literatura ficcional, fizeram ao anarquismo enquanto um movimento de classe. Fabbri espantava-se com a introjeção feita por determinados setores do anarquismo, da caricatura burguesa sobre os anarquistas, ras-cunhada pelos jornais das elites em seus periódicos. Surpreendentemente, muitos anarquistas assumiam comportamentos, estratégias e práticas que eram parte da representação cultural burguesa sobre o anarquismo. O anarquista enquanto um inimigo declarado de “qualquer” moral, terrorista, ou um indivíduo que desprezava qualquer deliberação coletiva se aproxima mais do imaginário niilista cunhado pela literatura burguesa, do que propriamente das estratégias delineadas pelos anarquistas no ambiente da classe trabalhadora. Esta crítica fora recorrente ao longo da história do anarquismo. Malatesta compreendia a influência nefasta dessa deturpação do princípio socialista do anarquismo.

Há indivíduos fortes, inteligentes, apaixonados, [...] que, encontrando-se por acaso entre os oprimidos, querem, a qualquer custo, emancipar-se e não se ofendem em transformar-se em opressores: indivíduos que, sentido-se prisioneiros na sociedade atual, chegam a desprezar e a odiar toda a sociedade, e ao sentir que seria absurdo querer viver fora da coletividade humana, buscam submeter todos os homens e toda a sociedade à sua vontade e à satisfação de seus desejos. Às vezes, quando são pessoas instruídas, consideram-se super-homens. Não se sentem impedidos por escrúpulos, querem “viver suas vidas”. Ridicularizam a revolução e toda

com as tradições, a história e os costumes de nosso povo. Trabalho que indispensavelmente, precisa para sobreviver, abandonar o sectarismo e o estrabismo político, preservando o conceito de ética e de liberdade, nos parâmetros da organização coletiva. A única capaz de não só potencializar nossas qualidades soterradas pela heteronomia instituída¹⁴ das estruturas capitalistas, mas também de demonstrar sob o âmbito psíquico, que possuímos complexos¹⁵ e questões inconscientes, que não podem determinar a estratégia política de uma organização ou movimento, e muito menos fazer de seus membros, seus caprichosos reféns.

¹⁴ Sirvo-me do conceito castoriadiano de heteronomia, que mesmo sem dizer, deve muito ao arsenal teórico anarquista, em específico à Mikhail Bakunin. Sobre a heteronomia, Cf. CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

¹⁵ Segundo Jung, o termo mais adequado seria dizer que são os complexos que nos possuem e não o contrário. Sobre o conceito de complexo, Cf. JUNG, Carl. *O Eu e o Inconsciente*, Editora Vozes, Petrópolis, 1979.

sua atitude é de aceitação ou rejeição absolutos”¹⁰. O que deriva daí, já é conhecido de maneira mais ou menos pública no movimento anarquista (mas infelizmente pouco criticado), a “visão de mundo do sectário é tão rígida, tão inflexível, tão fanática, tão amarga [...] e pouco atrativa que acaba mais por espantar o povo do que atraí-lo [...]”¹¹. Quantos exemplos podem ser citados; por que os casos infelizmente são numerosos. Recordo-me apenas de um habitual e mais recorrente, que é a inflexibilidade de uma postura “anarquista” francamente agressiva (dentro de uma assembleia) à religiosidade popular, que nitidamente ofendera parte dos presentes (por coincidência os setores não-anarquistas).

Quando as pessoas “comuns” não correspondem às atitudes morais do fanático, o **moralismo** é curiosamente invertido. O moralista passa a ser não o **sectário** que tentou impor seus valores ao coletivo, mas o culpado passa a ser nosso povo, que não se despiu de sua “estreiteza”, em detrimento da catequese e dos “preciosos” valores libertários do sectário. Uma atitude claramente de **vanguarda** como esta, mesmo que esteja supostamente baseada em “grandes” ideais de liberdade, ou se proponha antiautoritária, é seguida dum comportamento acusatório mais amplo. A censura, a repressão ao “indivíduo”, a opressão da individualidade pela maioria são demagogicamente acionados num nítido projeto de vitimização.

Se o sectarismo não atrai o povo, convence largos setores da juventude, que pode o carregar nos ombros como um verdadeiro atestado de “**pureza**” de princípios, mesmo sob o custo de reduzir consideravelmente o espectro de sua atividade política. Tal como o mito de Orígenes¹², que para manter-se puro decepou seus órgãos sexuais, o sectarismo torna impotente a ação política mais ampla, por que permanece reduzida a poucos círculos, cada vez mais restritos, mas que por sua força atrativa, continuamente tem seus quadros renovados.

Compreendendo a ética como uma espinha dorsal do anarquismo¹³, e, portanto, que define ao militante uma conduta, e a coerência entre esta e seus princípios (classismo, ação direta, igualdade política, econômica e social, autonomia, etc), entende-se que estes valores devem ser “socializados”, pela maneira libertária, ou seja, pelo **trabalho de base**, em contato

¹⁰ Idem.

¹¹ Idem.

¹² Devo esta excelente analogia ao anarquista Luigi Fabri.

¹³ Cf. CORRÊA, 2008.

aspiração futura, desejam gozar o dia de hoje a qualquer preço, e à custa de quem quer que seja; sacrificariam toda a humanidade por uma hora de “vida intensa” (conforme seus próprios termos).

Estes são rebeldes, mas não anarquistas.

[...]

Pode ocorrer algumas vezes que, nas circunstâncias dinâmicas da luta, os encontremos ao nosso lado, mas não podemos, não devemos e nem desejamos ser confundidos com eles. E eles sabem muito bem disso. Contudo, muitos deles gostam de chamar-se anarquistas. É certo – e também deplorável.

(MALATESTA, Errico. Anarquismo e Anarquia.)

O que Malatesta chama de “rebeldes”, Berneri chamou de “cretinismo anarquista”, que vigorou minoritariamente não apenas no final do século XIX, mas dominou determinados setores também nas primeiras décadas do século XX. O individualismo anarquista baseava-se em teóricos **completamente exógenos** ao anarquismo. Stirner, Tucker, Nietzsche, jamais se assumiram anarquistas, este último inclusive, promoveu um ataque vigoroso ao anarquismo em diversos de seus escritos. O socialismo era visto com desdém por estes pensadores; não nos surpreende, portanto, que estes estivessem distantes das privações materiais suportadas pelos trabalhadores ou distantes do comprometimento com quaisquer doutrinas socialistas. E como vimos, se a simples negação do estado é problemática para definir os anarquistas, precisamos incluir outros princípios, estratégias e metodologias que estão imbricadas na própria formação histórica do anarquismo. Os anarquistas que atuavam nos sindicatos revolucionários das três primeiras décadas do século XX pareciam estar cientes desse dilema, pois estes enxergavam o anarco-individualismo normalmente como um “exotismo pequeno-burguês”¹, completamente inofensivo ao capitalismo e ao estado, algo restrito a artistas, boêmios, literatos, e outras figuras que resolveram afastar-se dos propósitos da classe trabalhadora.

Durante a Revolução Russa e Ucraniana, setores influenciados por esta compreensão equivocada do anarquismo acusavam o movimento

¹ Cf. BOOKCHIN, Murray. Anarquismo, Crítica e Autocrítica. Editora Hedra, 2011.

revolucionário camponês da Ucrânia, profundamente influenciado pelo anarquismo, de ser mais próximo dos socialistas-revolucionários do que do anarquismo. Enquanto o grupo anarquista de Makhno enfrentava os guardas-brancos e os bolcheviques no flanco ucraniano arriscando suas próprias vidas pela revolução, anarquistas de Moscou procuraram o exército insurgente ucraniano não para apoiá-lo, mas para pedir dinheiro para a construção de uma “universidade anarquista”² em Moscou. O desgosto de Makhno com parte dos anarquistas da Rússia era anterior neste caso. Em visita a Ekaterinoslav, uma cidade russa, Makhno encontrou um grupo de anarquistas ocupando pacientemente o “Clube Inglês” enquanto a revolução se desenrolava nos campos da Ucrânia e nos centros industriais da Rússia. O ambiente do niilismo russo contribuía para que parte dos anarquistas optasse por ações completamente descoladas da classe trabalhadora, ainda que houvesse uma corrente mais comprometida, atuando no interior dos sindicatos e dos soviets.

Mas isto não explica a tendência centrípeta³ de um anarquismo voltado para si próprio, posto, que isto não é exclusividade do individualismo anarquista nem do contexto histórico russo. E pode rapidamente “contaminar” um grupo anarquista de qualquer orientação, a ponto da ética anarquista, que é baseada no terreno da classe trabalhadora, rapidamente tornar-se-á uma moral e uma prática voltadas apenas para si mesmas. Este deslocamento de determinados setores do anarquismo da classe, operou uma transformação interna de seus valores que se traduz numa deformação que em alguns casos chega a ser grotesca.

Os limites desta nova **moral** me pareceram mais nítidos quando soube de um caso de alguns anos atrás, de um autointitulado anarquista que se vangloriara de ter roubado (para si próprio) um livro anarquista de uma biblioteca **pública**. Outro, contemporâneo do primeiro, foi além: assumiu ter “yomangado” (roubado) livros anarquistas de uma banquinha de livros de um conhecido editor de material libertário. O perigoso “burguês” roubado pelo nosso amigo “revolucionário”, fora simplesmente o **responsável** pela publicação da maior parte dos materiais libertários lidos pelos

² Pedido que Makhno obviamente negou. Afinal, na Ucrânia não havia nem escolas para os camponeses. Esta história é relatada com maior detalhes no excelente livro de Anatol Gorelik. GORELIK, Anatol. *El Anarquismo y La Revolución Rusa*. Buenos Aires, Utopia Libertaria, 2007.

³ Cf. DANTON, 2011.

anarquistas brasileiros nos últimos 10 anos, e cujo trabalho abnegado de venda de livros, garantiu que toda uma geração (como eu) pudesse ter acesso à literatura anarquista. O “yomango” (na gíria espanhola, “yo mango”) se define não como “um movimento social, ou um grande projeto de mudança”, mas como um “estilo de vida”⁴ que não se oferece como uma “proposta ideal de futuro, mas como mais uma ponte e uma resistência ao capital”⁵. Na prática, “yo mango” significa apenas a “expropriação” de mercadorias capitalistas por pretensos anarquistas, geralmente em benefício próprio. Que anarquista sensato e comprometido com um **trabalho de base**, se arriscaria a ser preso não por desenvolver um projeto revolucionário de amplitude, mas por “roubar” bebidas, livros e badulaques das empresas capitalistas? Esta é a contribuição revolucionária de alternativa econômica que oferecemos ao nosso povo?

Abandonadas as estratégias de **transformação global da sociedade**⁶ que **SEMPRE** fizeram parte da luta dos anarquistas na história, o que sobra de anarquismo em “yomango”⁷ ou em outras táticas semelhantes? A pergunta é: houve em algum momento, uma relação mais **profunda** entre as duas coisas? Ou apenas uma tolerância irrestrita e irresponsável de largos setores do anarquismo, a quaisquer práticas que se **pretendem** libertárias?

Esta atitude moral, restrita ao seu próprio e limitado universo, normalmente vem acompanhada do **sectarismo**. O sectarismo é a “incapacidade de tolerar posições teóricas ou práticas diferentes das suas”⁸. Caracteriza-se “pela ignorância, tanto das ideias alheias, como de suas próprias”⁹. O sectário é “*incapaz de reconhecer os méritos alheios e carece de [...] critério para discernir, [...] com o que está de acordo ou do que diverge:*

⁴ O Livro Vermelho: Yomango, pp. 21. Disponível em <<http://brasil.indymedia.org/media/2007/10//398527.pdf>>; Acessado em 03/08/11.

⁵ Idem.

⁶ Lembremos os clássicos que sussurram em nossos ouvidos: “Não podemos ser livres num mundo de escravos.”, já tinha dito Bakunin.

⁷ Vemos que o problema não é novo, Malatesta escrevia em relação a um grupo de individualistas italianos: “eles ridicularizavam o 1º de Maio, a greve geral, a organização dos trabalhadores e a anarquia. Pregavam o roubo em si mesmo, inclusive e sobretudo contra os camaradas e contra os pobres, e diziam-se comunistas. [...] Defendiam todo absurdo que a estupidez dos inconscientes ou a maldade dos inimigos teriam atribuído aos anarquistas, e diziam que isso era pura anarquia.” MALATESTA, Errico apud MINTZ, Frank in *Anarquismo Social*, Editora Faisca, 2006: 46.

⁸ Cf. DANTON, 2011: 103.

⁹ Idem.